

O caminho do meio

Marcelo Neri

*Economista-Chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV
(marcelo.neri@fgv.br)*

O Centro de Políticas Sociais apresentou dois estudos recentes que colocaram no mapa a Nova Classe Média brasileira, leia-se a família de Classe C que ganha entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 por mês a preços de hoje da Grande São Paulo. Ao contrário de análises da distribuição da parcela relativa de cada grupo na renda total, nos fixamos na parcela da população que está dentro de determinados parâmetros de renda fixados para todo o período. A presente abordagem é similar àquela de pobreza absoluta; só que estamos preocupados também com outras fronteiras, como aquelas que determinam a entrada na classe C e a saída deste grupo para a classe A&B.

Fazendo uma analogia, na análise distributiva relativa, estamos num gráfico de pizza de tamanho fixo de 100%,

onde para um grupo ganhar, outro tem de perder. Na análise aqui utilizada, além da dança distributiva, o tamanho de pizza pode mudar. O que está por trás disso, é que além daqueles com renda mais baixa terem se apropriado de uma maior parcela relativa da pizza (a redução da desigualdade), a mesma aumentou de tamanho (o crescimento). Passou, digamos, de um tamanho brotinho para média. Na presente análise — nutricionalmente incorreta — dividimos as pessoas em estratos pela quantidade de pizza apropriada por cada um.

A classe C seria a verdadeira classe média brasileira. Àqueles que se acham meio ricos nos parâmetros que usamos, aconselhamos, pedagogicamente, usar o simulador disponibilizado no *site* da pesquisa <http://www.fgv.br/cps/desigualdade/>

para ver qual a porcentagem da população está abaixo de você. Por exemplo, para quem sofre os custos de morar na Grande São Paulo e tem quatro pessoas em casa — tamanho médio das famílias paulistanas. Se a renda total da família desta pessoa era de R\$ 1.064, 45,7% vivem abaixo dela. Este seria o começo da classe C, vulga nova classe média. Já se a renda total da família fosse de R\$ 4.591, esta população teria cerca de 92% dos brasileiros abaixo de si. Bem-vindos ao reino do meio da Belíndia! O termo se adapta bem ao Brasil, pois o pequeno país rico representando a nossa elite — a Bélgica — é predominantemente católico. Nossa elite é capitalista, mas realizamos um capitalismo com culpa de acumulação de capital e enriquecimento. Uma elite que, por outro lado, não gosta de ver a desigualdade existente espelhada nos números. O objetivo deste simulador é fornecer uma balança relativa para cada um ver o peso que tem na distribuição de renda brasileira.

Evolução — A nossa nova pesquisa mostra a emergência da nova classe média como um fenômeno nacional. Antes do Plano Real a mesma atingia menos de um terço da população brasileira: de 30,9%, em 1993, passa a 36,5%, em 1995 (e também em 2003), chegando a 47,1%, em 2007. No nosso primeiro estudo, a classe média atingia 51,89% da população nas seis principais regiões metropolitanas, em abril de 2008, tendo crescido 6,2% no último ano e 22% nos últimos quatro anos. No segundo estudo, o primeiro com os microdados a última PNAD do IBGE, a Nova Classe Média atingia 47,1% da população, em outubro de 2007, data da pesquisa que acabou de sair. Nas metrópoles brasileiras a nova classe média era 50,4%. Ao projetarmos o crescimento de 6,2% dos últimos 12 meses da primeira pesquisa com a abrangência nacional da segunda pesqui-

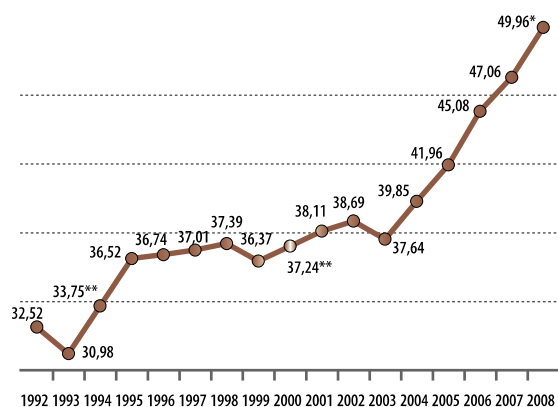
sa, temos que 50% da população estão agora na Nova Classe Média. Hoje, a sociedade brasileira estaria dividida em meia Belíndia e meia Nova Classe Média. Daqui a um ano, quando os resultados da PNAD 2008 que acabou de sair do campo forem públicos, poderemos tirar a prova da pizza.

As séries de outras medidas de atividade também apontam a ocorrência de um *boom* na classe C: casa, carro, computador, crédito e carteira de trabalho estavam há pouco nos seus níveis recordes históricos. A questão agora é com a crise Made in USA: até quando? O nosso mercado interno, simbolizado pela nova classe média, será fundamental na fase recessiva que a bússola de 99 entre 100 economistas aponta. O livro de Keynes de 1936 foi inspirado não no caso geral, mas numa economia em depressão, onde o lado curto era a demanda. Já o artigo *Como pagar a Guerra?* do mesmo Keynes de 1940 lida com o problema oposto: a falta de capacidade de oferta. Parodiando o “somos todos monetaristas” de Franco Modigliani, “estamos todos keynesianos”, no cenário atual de escassez de demanda.

Agora entre o abrir e o tapar buracos que fazem a macroeconomia se mover, citados por Keynes, pode-se enterrar canos provedores de saneamento básico. As políticas inconscientemente keynesianas de Getúlio, em 1932 — citadas por Marcelo de Paiva Abreu —, de colher e queimar estoques de café, irrigavam toda economia, mas com mais intensidade na oligarquia rural. Como favorecer hoje o investimento, a acumulação de capital e a produção dos segmentos mais pobres? Olhando para a demanda agregada há algumas partes mais e outras menos interessantes do ponto de vista de eficiência e de equidade, na perspectiva de curto, e de longo prazos.

Percalços — Como dizia Keynes, entre a taça e os lábios há vários percalços. Dependendo do cenário creditício, o copo de demanda a ser tragado nos mercados reais, estará meio cheio, ou meio vazio. Há que se reverter à contração de crédito não só rápida, mas sabiamente a fim de se evitar a ressaca futura do cenário recessivo presente. O costume de se falar mais de falhas de política do que de mercado, deverá dar lugar a escolhas públicas que levem o crédito mais para áreas de financiamento de investimentos produtivos mais estranguladas, mas que deixem impactos sociais de prazo mais longo.

Brasil – Classe C (% da população nova classe média)



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PNAD/IBGE.
*Projetando usando PME IBGE; **1994 e 2000 são médias.

O nosso mercado interno, simbolizado pela Nova Classe Média, será fundamental na fase de escassez de demanda

Como já argumentei neste espaço, o Brasil dispõe de seu Grameen Bank, representado pelo programa CrediAmigo que atua hoje ainda só no Nordeste mas detém fatia de mais de dois terços do mercado nacional de microcrédito. O programa tem a lógica privada, mas é gerido por um banco público, o Banco do Nordeste, sem subsídio. Para

aqueles que acreditam que o microcrédito é privado — ou deve ser pelo livro de receitas —, o CrediAmigo acabou de ser premiado como a melhor experiência de microcrédito regulado do continente americano pelo BID. Sinal da nova estação keynesiana.

Da mesma forma que nos últimos anos observamos a ascensão do microcrédito no mundo em desenvolvimento, culminando no Prêmio Nobel concedido a Muhamad Yunus e a seu Grameen Bank de Bangladesh, estaremos de agora em diante mais voltados ao microsseguro. Mal comparando, o microcrédito é uma espécie de trampolim que idealmente faz as pessoas superarem a linha de pobreza em época de crescimento, enquanto o microsseguro são as redes de proteção que impedem que as pessoas caiam abaixo desta linha em época de decadência de renda.

O Bolsa-Família representa um seguro social particularmente capilar e valioso em épocas de turbulência como as que temos pela frente. Qual o país do mundo que dispõe de uma rede de proteção social na escala e no desenho similar ao Bolsa-Família? Mais do que injeta poder de compra e moeda nas mãos dos segmentos mais pobres do Brasil. Exemplo: na ocasião da elevação ocorrida a alguns meses do preço dos alimentos pudemos reajustar a renda de quem tem menos, numa decisão administrativa de execução simples e imediata. Olha que a crise de alimentos não representava um problema agregado ao Brasil, já que somos exportadores líquidos de alimentos, mas é um problema que por força da Lei de Engel afeta mais os mais pobres. As despesas adicionais proporcionadas pelo Bolsa-Família são, segundo pesquisa do Cedeplar, mais intensivamente alocadas em alimentos que seriam neste sentido um fome zero voluntário pelas famílias. Pudemos, por intermédio de um reajuste do Bolsa-Família — é verdade que em consonância com o calendário eleitoral —, redistribuir o bolo, livrando os mais pobres do jejum provocado pela inflação dos alimentos.

Combinação — O Brasil vem trilhando o que se pode chamar o caminho do meio, nem tanto ao Estado, nem tanto ao mercado, combinando programas sociais com respeito às regras do mercado, com um governo grande, guloso e generoso, mas sem ímpeto reformista. Como consequência, o país não apresentava a agilidade e a velocidade do crescimento dos Tigres Asiáticos, mas as características de um país-baleia com movimentos mais lentos. Uma baleia que por ter ficado enclalhada durante as duas décadas e meia perdidas, e por ter desencalhado apenas após 2004, goza de uma certa relutância das autoridades brasileiras para que não se perca o momento de expansão. Mesmo após o agravamento da crise internacional, todas as declarações das autoridades no Brasil têm sido no sentido de não perder a inércia que como dissemos passou incólume aos mais de um ano de crise internacional que se avizinhava. As reservas externas brasileiras funcionam como uma gordura a mais que pode ser queimada.

Fora a pujança do mercado consumidor interno e das reservas internacionais, além do teimoso otimismo oficial, há outros fatores amortecedores dos impactos da crise externa no Brasil, além do impacto da classe média. Apesar da abertura externa crescente e do crescimento do crédito recente, o Brasil ainda se encontra pouco vulnerável a estes canais de transmissão, pois ainda somos uma economia relativamente fechada e regulada financeiramente. Ou seja, o que era inércia na fase de ouro mundial, passa se tornar virtude em tempos de alto risco.

Nossas ineficiências e iniquidades atuais se transformam em virtudes prospectivas se forem combatidas. A nossa carga tributária que vinha crescendo como a cintura de um cidadão de meia-idade garantia um superávit fiscal primário. A carga fiscal e o tamanho do estado no Brasil subiam quase um ponto de porcentagem por ano, seguindo quase a risca a sina daqueles pós-40 — que não se cuidam — de ganhar um quilo a mais por ano. Como consequência, nosso deslocamento de produto era aquém da de outros países emergentes, mas agora gozamos de capacidade de não submergirmos durante a tempestade financeira ora em curso. Compramos sem saber seguro para uma crise não anunciada. Nosso prévio excesso de regulação financeira se torna uma vantagem comparativa nas circunstâncias atuais. A nossa inflação também apresentava algum sinal de excesso de demanda, o que seria inevitavelmente desaquecido por ação do Banco Central, será agora pela ação da propagação da crise em curso. Em época de inverno econômico rigoroso que teremos pela frente, as reservas acumuladas durante o verão econômico de outrora garantem a sobrevivência nos tempos de urso. O Brasil que estava fora do padrão de excelência internacional pelas ineficiências e gorduras localizadas apresentadas, se encaixa melhor no modelito imposto pela crise em curso. ▀